



DADOS PRELIMINARES DO LEVANTAMENTO DE PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS PELOS ALUNOS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE RIO GRANDE, COMO CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DA FLORA NATIVA DE DIFERENTES AMBIENTES NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE, RS.

J. do P. Alves

L. C. Honscha; T. G. Chimieski; S. M. Heffler

Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande, Av. Itália, Km 8, Rio Grande, RS, Brasil, 96201 - 900. ju_alvesrg@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Em todo o Brasil se multiplicam programas de fitoterapia, muitos deles apoiados pelo serviço público de saúde, os quais têm formado equipes multidisciplinares responsáveis pelo atendimento fitoterápico, com profissionais encarregados do cultivo de plantas medicinais, da produção de fitoterápicos, do diagnóstico médico e da recomendação destes produtos. Estudos já realizados permitem supor que todas as formações culturais fazem uso de plantas como recurso medicinal. (Simões *et al.*, 1986).

Neste sentido, o conhecimento sobre as plantas medicinais, traz à população não somente o direito de escolha sobre a planta mais adequada para as mais variadas sintomatologias, mas também a consciência da preservação dos recursos naturais, os ecossistemas como um todo, os quais são verdadeiras "farmácias vivas" em termos de diversidade da flora medicinal.

Por outro lado, os problemas ambientais relacionados ao desenvolvimento econômico e social começaram a aparecer a partir do momento que o homem passou a domesticar o ambiente. Até o momento as soluções apresentadas tais como tecnologias de despoluição ou legislação mais elaboradas ou até mesmo os "produtos verdes", tem tido um êxito relativo, ao mesmo tempo em que a situação ambiental do planeta está cada vez pior e irreversível (Rigotti, 2008).

Segundo Marinho *et al.*, (2007), esta situação, marcada pela degradação permanente do meio ambiente e do seu ecossistema, envolve um conjunto de atores do universo educativo em todos os níveis, potencializando o engajamento dos vários sistemas de conhecimento e a sua capacitação numa perspectiva interdisciplinar. Os educadores têm um papel estratégico e decisivo na inserção da temática ambiental no ensino e aprendizagem, tendo como horizonte a transformação de hábitos, práticas sociais e a formação de uma cidadania ambiental.

Ainda nessa perspectiva, as disciplinas escolares fragmen-

tam, dissecam, esquartejam o conhecimento. Dessa forma, não é possível estabelecer relações entre o específico e a totalidade, a parte e o todo, ignorando que o conhecimento é histórico, científico, prático e social.

Surge assim a necessidade de se trabalhar os temas "sócio-ambientais" nas escolas, especialmente com enfoque para o estudo da ecologia, pois para Henning (1978), preservar e respeitar a natureza é questão básica de sobrevivência atual e futura. São problemas de compreensão, de atitudes e de escalas de valores que só podem ser evidenciados no indivíduo se forem estimulados no lar, na escola, na comunidade, e no viver diário das experiências reais.

Não é nova a idéia de que as escolas do Rio Grande do Sul se tornem "jardins", expressando o cuidado com a natureza, a preservação do meio ambiente e a valorização da própria condição humana. Nova, entretanto, é a orientação que se pretende quanto a ação dinâmica e continuada da escola, no aspecto da conservação do ambiente e a oportunidade da mesma oferecer condições para um aprender mais fácil e efetivo (Henning, 1978).

Tendo em vista que a utilização de plantas para fins medicinais é uma prática generalizada na medicina popular, além de ser resultado do acúmulo secular de conhecimentos empíricos sobre a ação dos vegetais, por diversos grupos étnicos (Simões *et al.*, 1986) e, que o homem tende a preservar o que valoriza e conhece, destruindo, no entanto, aquilo que não conhece e que não lhe dá proveitos diretos (Rodrigues, 2001), verificou-se a necessidade de realizar este estudo.

Para tanto, optou-se por realizar uma pesquisa com alunos do Ensino Fundamental, como um projeto piloto, para diagnosticar o conhecimento sobre plantas medicinais: sua utilização e importância nos ecossistemas naturais e no cotidiano das pessoas, e assim, conhecendo as plantas que fazem parte do seu ambiente, estes alunos possam conscientizar-se e passar a ser multiplicadores da preservação dos ambientes naturais, minimizando assim a perda da biodiversi-

dade.

Segundo Cordazzo & Seelinger (1995), o extremo sul do Brasil apresenta diferentes formações geológicas, com suas comunidades vegetais características, entre elas a planície costeira do Rio Grande do Sul. Esta, segundo Müller & Waechter (2001), apresenta uma diversidade de ambientes como marismas, banhados, dunas interiores, campos e matas de restinga o que permite a formação de comunidades vegetais distintas com uma riqueza de espécies desde herbáceas a arbóreas. Além disso, Cordazzo & Seelinger (1995), comentam que a diversidade de feições topográficas, a influência marinha e continental, os diferentes estágios de sucessão também explicam a considerável variedade de habitats. Como resultado ocorre uma flora e fauna rica e variada, porém ameaçadas e modificadas pelas atividades agrícolas, reflorestamento com espécies exóticas, e exploração imobiliária, durante o último século.

OBJETIVOS

Neste aspecto, o presente estudo visa uma pesquisa a cerca do conhecimento das plantas medicinais pelos alunos de uma Escola de Ensino Fundamental de Rio Grande, RS e a partir disso elaborar uma estratégia de ensino em prol do conhecimento da flora nativa local, sua importância no meio ambiente e alguns mecanismos de preservação.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo caracteriza - se como a primeira etapa de um projeto mais amplo, que está sendo desenvolvido na Escola de Ensino Fundamental João de Oliveira Martins, no bairro Castelo Branco em Rio Grande, RS. Este projeto amplo visa o estudo das plantas nativas de diferentes ambientes naturais de Rio Grande, para tanto o início do mesmo deve ocorrer com o que os alunos conhecem e utilizam. Deste modo, o conhecimento das plantas medicinais torna - se uma ferramenta importante para a primeira etapa deste estudo. Esta etapa do estudo caracteriza - se pela pesquisa realizada com 20 alunos voluntários de sétimas e oitavas séries, da já referida escola, entre 12 e 16 anos de idade.

A escolha dos alunos dessa Instituição de Ensino foi feita devido à localização da escola, um pouco afastada do centro da cidade, proporcionando mais recursos para as próximas etapas do desenvolvimento do projeto em questão, as quais abrangerão pesquisas envolvendo também os familiares e vizinhos destes alunos.

A pesquisa foi realizada por meio da aplicação de um questionário semi - estruturado, em busca das seguintes informações sobre plantas utilizadas como medicinais: grau de conhecimento do nome popular das plantas e sua utilização, locais onde costumam adquirir e ambientes do município onde estas plantas são encontradas, como também a fonte de indicação da potencialidade medicinal destas.

A partir dos dados levantados no questionário, foi feita uma pesquisa bibliográfica buscando informações sobre a identificação científica das espécies e sua origem (exóticas e nativas), utilizando - se literatura especializada, como Lorenzi & Matos (2002), Ments *et al.*, (1997), entre outros. Além

disso, foi realizada uma pesquisa sobre os ambientes de ocorrência das espécies medicinais nativas no Rio Grande do Sul, por meio de bibliografia especializada (Simões *et al.*, 1986; Cordazzo & Sellinger, 1995; Castro & Chemale, 1993; Lorenzi & Matos &, 2002)

RESULTADOS

Foram levantadas 19 espécies de plantas medicinais. Das 66 citações de plantas, *Plectranthus barbatus* Andrews (boldo, 19), *Achyrocline Satureioides* Lam. (macela, 11), e *Citrus Limon* L. (limão, 6) foram as mais citadas, respectivamente.

Verificou - se que o número de espécies levantadas é bastante baixo quando comparado com outros estudos realizados com plantas medicinais para o Rio Grande do Sul, como, de Posamai (2000), que registrou 163 espécies, em uma pesquisa realizada na zona rural de Mariana Pimentel (região de Depressão Central), de Simões *et al.*, (1986) realizado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, quando foram citadas 56 espécies e de Vendruscolo & Mentz (2005), que registraram 142 espécies, também para Porto Alegre, porém no bairro de Ponta Grossa.

Por outro lado, se considerarmos o público - alvo da pesquisa (alunos do Ensino Fundamental), os quais geralmente conhecem apenas as espécies cultivadas em suas casas ou adquiridas do comércio local, segundo informações da própria pesquisa, pode - se caracterizar o conhecimento e a utilização de plantas medicinais um tanto quanto relevante. Segundo Simões *et al.*, (1986), um dos fatores que têm contribuído para o aumento da utilização de tal recurso, é a crise econômica, o alto custo dos medicamentos industrializados, o difícil acesso da população à assistência médica e farmacêutica. A grande maioria dos alunos pertence a famílias de baixa renda, cuja utilização de plantas medicinais, em geral, se dá como forma curativa de sintomatologias casuais.

Outro fator, que deva ter contribuído por esta baixa diversidade de espécies citadas é o desconhecimento do nome destas plantas, conforme relatado pelos próprios alunos, que dizem conhecer o que seus pais utilizam mais frequentemente. Isto pode ser comprovado pela maior parte das espécies citadas pelos alunos, que geralmente são conhecidas e utilizadas em todo o Brasil (Lorenzi & Matos, 2002), como por exemplo *Persea americana* Mill. (abacate) *Aloe vera* L. (babosa), *Pimpinella anisum* L. (anis), *Prunus domestica* L. (ameixa), *Rubus brasiliensis* Mart. (amora). Dentre as espécies citadas apenas três são nativas do Rio Grande do Sul: *Achyrocline Satureioides* Lam. (macela), *Baccharis trimera* L. (carqueja) (Cordazzo & Sellinger, 1995), e *Mikania glomerata* Spreng. (guaco) (Lorenzi & Matos, 2002).

Segundo Castro (1993), a macela é encontrada em climas sub - tropicais e temperados - brandos e ocorre em todo o Rio Grande do Sul, tanto na Depressão Central quanto nos campos de cima da Serra; prefere luz podendo, no entanto, ocupar terrenos de encosta pouco ensolarados; nos campos altos e secos seu porte é mais baixo; nas várzeas produz mais biomassa.

A carqueja é uma espécie sul - americana, comum nos campos e beira de matos de Minas Gerais e Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, no Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia. (Simões *et. al.*, 1986). Enquanto o guaco é uma planta lianescente, nativa do sul do Brasil, de São Paulo ao Rio Grande do Sul. (Simões *et. al.*, 1986).

Das espécies exóticas citadas pelos alunos, a maior parte são comumente cultivadas em casa ou facilmente adquiridas no comércio local, conforme relatado na própria pesquisa, como por exemplo, *Chamomilla recutita*. L.(camomila), *Foeniculum vulgare* Mill. (funcho), *Malva silvestris* . L.(malva), *Cymbopogon citratus*. Stapf. (capim cidrão), *Beta vulgaris* L. (beterraba).

Além destas, destaca - se a espécie exótica *Plectranthus barbatus* (boldo), a mais utilizada pelos alunos, como também já constatado em outros estudos anteriores, como no trabalho realizado por Taufner (2006) em dois municípios do Espírito Santo e no trabalho de Vendruscolo & Mentz (2005), onde o boldo aparece entre as plantas medicinais mais usadas e mais importantes para a comunidade em questão. Esta espécie sempre é referida, pela praticidade de cultivo (Lorenzi & Matos, 2002) e de aquisição em estabelecimentos comerciais ou feiras, tendo como exemplo o trabalho de Nunes (2003).

Apesar da pouca idade dos entrevistados, jovens entre 12 e 16 anos, como já mencionado anteriormente, o número de espécies relatadas ainda é baixo, pois, como já comentado, a fonte de informações da utilização destas plantas são os próprios pais ou avós. No entanto, ainda necessita - se de mais estudos para diagnosticar se os jovens estão em processo de aprendizado, ou se a cultura de utilização de plantas medicinais na medicina popular está se perdendo. Isto será possível diagnosticar em etapas futuras, quando seus familiares também participarão da pesquisa.

Além disso, em etapa posterior acredita - se que o número de espécies utilizadas como medicinais em Rio Grande, seja ampliado, pois, segundo Ments *et al.*, (1997), cerca de 210 espécies nativas são utilizadas na medicina popular do RS. O baixo número de espécies nativas citadas evidencia também a importância de se estimular o conhecimento e o cultivo das espécies nativas, assim estaremos promovendo a preservação destas espécies.

CONCLUSÃO

Os resultados da primeira etapa deste estudo foram importantes para verificar que os alunos desta escola, apesar da baixa idade, desconhecimento do nome das plantas, têm um relativo conhecimento da utilização da medicina caseira, o que nos leva a crer que esta prática ainda é bastante utilizada na comunidade riograndina.

Por outro lado, verifica - se que há um desconhecimento das espécies da flora local, com potencial medicinal. Este aspecto, em especial, mostra a relevância deste estudo, que ainda necessita de mais pesquisas para a concretização das etapas seguintes, que compreenderão o levantamento das plantas medicinais conhecidas e utilizadas pelos familiares destes alunos e posteriormente o estudo e reconhecimento de plantas nativas com potencial medicinal em

seu ambiente natural. Com isso, espera - se que este estudo forneça subsídios para remeter a conscientização da preservação da flora medicinal nativa dos diferentes ambientes do extremo Sul do RS.

REFERÊNCIAS

- Castro, L. O. & Chemale, V. M. *Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Medicinais, Condimentares e Aromáticas*. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação. 1993, 79p. .
- Cordazzo, C. V., Seeliger, U. *Guia ilustrado da Vegetação Costeira no extremo sul do Brasil*. Rio Grande: FURG. 1995, 275p.
- Henning, G. J., Ferraz, G. C., Vicari, O., Rosa, S. F., Bossle, W. P. *Projeto Natureza*. Porto Alegre: Secretaria da Educação e Cultura, 1978, 69 p.
- Lorenzi, H., Matos, F. J. A. *Plantas Medicinais no Brasil, nativas e exóticas*. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002, 512p.
- Marinho, V. L., Figueiredo, A., Alvim, B., Almeida, C., Lyra, C., Vieira, D., Chagas, E., Carmo, E., Fonseca, I., Franco, I., Castro, J., Oliveira, L., Freitas, M., Peixoto, M., Fonseca, P. e Silva, T. *Aprendendo Ecologia com Temas Sócio - Ambientais. Anais VIII Congresso de Ecologia do Brasil, 23 a 28 de Setembro de 2007, Caxambu - MG*.
- Mentz, L.A.; Lutzemberger, L.C.; Schenkel, E.P. Da flora medicinal do Rio Grande do Sul: Notas sobre a obra de D'Ávila (1910) *Caderno de Farmácia* 13(1): 25 - 48, 1997
- Müller, S. C. & Waechter, J.L. Estrutura sinusial dos componentes herbáceo e arbustivo de uma floresta costeira subtropical. *Revista Brasileira de Botânica*, 24 (4): 395 - 406. 2001.
- Nunes, G. P., Silva, M. F. da; Resende, U. M.; Siqueira, J., M. de. Plantas medicinais comercializadas por raizeiros no Centro de Campo Grande Mato Grosso do Sul. *Revista Brasileira de Farmacognosia* 13 (2): 83 - 92, 2003.
- Possamai, R. M. *Levantamento Etnobotânico das Plantas de Uso Medicinal em Mariana Pimentel, Rio Grande do Sul*. Instituto de Biociências, Porto Alegre, RS, UFRGS. 2000, 113p.
- Rigotti, M. *Plantas medicinais, botânica, cultivo e utilização* 2008, 500p
- Rodrigues, J. S. C. *Contribuindo para o estudo etnobotânico das plantas medicinais e aromáticas do Parque Natural da Serra de S. Mamede. Relatório de estágio da FCUL*. 2001, 249p.
- Simões, C.M.O.; Mentz, L.A.; Schenkel, E.P.; Irgang, B.E.; Stehmann, J.R. *Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul*. 4.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 1998, 173p
- Taufner C.F.; Ferrazo E.B. & Ribeiro L.F. Uso de plantas medicinais como alternativa fitoterápica nas unidades de saúde pública de Santa Teresa e Marilândia, ES. *Natureza on line*. Espitito Santo: ESFA 4(1): 30 - 39. 2006
- Vendruscolo, G. S.; Mentz L. A. Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil *Acta bot. bras.* 20(2): 367 - 382. 2006.